

EDIFÍCIOS DA ARQUITETURA MODERNA COM USO COMERCIAL NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

FLÁVIO MEDEIROS PEREIRA¹, MARÍLIA MARIA BRASILEIRO TEIXEIRA VALE²

Resumo

A Arquitetura Moderna Brasileira é objeto de estudo de vários pesquisadores em todo o mundo. Todavia, a bibliografia existente explora este tema preferencialmente nos grandes pólos de desenvolvimento do país, deixando lacunas no conhecimento principalmente no que se refere às regiões brasileiras de menor porte. Inserido neste contexto, o projeto denominado “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação” desenvolvido pela Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia vem por meio de pesquisas estudar a produção moderna nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no interior do estado de Minas Gerais, contando com a contribuição de trabalhos de iniciação científica com apoio financeiro da FAPEMIG. O presente trabalho intitulado “Edifícios da Arquitetura Moderna com uso comercial no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba” é, portanto, fruto desta pesquisa e visa oferecer um estudo pontual sobre o assunto buscando contribuir para a compreensão do amplo contexto no qual se insere. Além disso, é válido ainda ressaltar que ambos os projetos citados acima se inserem numa grande rede de pesquisas coordenada pela organização não-governamental DOCOMOMO e suas várias unidades no Brasil.

Palavras-Chave: edifícios comerciais, arquitetura moderna, triângulo mineiro

¹ Aluno de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: flaviomedeiros@yahoo.com.br.

² Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: mariliabtval@yahoo.com.

Rèsumé

L'Architecture Moderne brésilienne est objet d'étude de nombreux chercheurs dans le monde. Toutefois, la littérature existante explore ce thème en priorité dans les grands zones de développement du pays, en laissant les lacunes dans les connaissances essentiellement en ce qui concerne les régions du Brésil de petit port. Dans ce contexte, le projet "Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação" développé par le Faculté d'Architecture, Urbanisme et Design de l'Université Fédérale d'Uberlândia vient par moyen de recherches étudier la production moderne dans les régions du Triângulo Mineiro et Alto Paranaíba dans intérieur du l'État de Minas Gerais à partir des travailles d'initiation scientifique qui ont l'appui financier de la Fapemig. Ce travail intitulé "Edifícios da Arquitetura Moderna com uso comercial no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba" est alors, le résultat de cette recherche plus grand et vise à offrir un étude plus spécifique sur le sujet au même temps que comprends le contexte général dans lequel il s'insère. En plus, il est valable encore de souligner que les deux études citées ci-dessus s'insèrent dans une grande réseau de recherche organisée par l'organisation non gouvernementale DOCOMOMO et leur unités au Brésil.

Mots-clés: les bâtiments commerciaux, l'architecture moderne, triângulo mineiro

1. Introdução

O trabalho “Edifícios da Arquitetura Moderna com Uso Comercial no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba” é um dos vários desdobramentos de uma pesquisa mais ampla intitulada “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação”, desenvolvida por professores e alunos bolsistas da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design (Faued) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e que conta com auxílio financeiro da Fapemig³.

A pesquisa tem o objetivo de estabelecer uma base documental sobre a Arquitetura Moderna produzida no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba com intuito de preencher uma lacuna na historiografia brasileira, que aborda preferencialmente a arquitetura desse período nos grandes pólos de desenvolvimento do país, deixando regiões como estas praticamente sem estudos relevantes. Além disso, a pesquisa busca perceber os fatores mais significativos da disseminação dos valores da Arquitetura Moderna na região; identificar os profissionais envolvidos no seu desenvolvimento, compreendendo suas formações e referências teóricas; analisar os processos construtivos e as relações entre o edifício e o espaço urbano; promover uma documentação iconográfica na sobre os projetos e obras; consolidar um grupo de pesquisa na Faculdade, articulado, em torno da área de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil. Por fim, pretende disponibilizar todo o material coletado para a comunidade de forma geral, por meio da internet num *WebSite*, com intuito de evitar que esse estudo se restrinja ao meio acadêmico, e estimular a valorização e a preservação dos edifícios mais significativos, apontando a importância histórica, arquitetônica e paisagística que eles apresentam como elementos de identificação cultural para as cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A pesquisa parte de um levantamento prévio das cidades das regiões nas quais a produção arquitetônica moderna já havia sido identificada. Desta forma, as cidades analisadas nesta pesquisa foram: Abadia dos Dourados, Araxá, Araguari, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Campina Verde, Conquista, Coromandel, Estrela do Sul, Frutal, Ituitaba, Monte Alegre de Minas, Monte Carmelo, Patos de Minas, Patrocínio, Prata, Rio Paranaíba, Sacramento, Tupaciguara, Uberaba e Uberlândia.

Durante a pesquisa foi desenvolvido o levantamento de uma base documental que possibilitou a identificação dos edifícios mais relevantes construídos segundo os preceitos da Arquitetura Moderna, possibilitando a elaboração de fichas, que por sua vez, possibilitam análises dessa

³ Número do Processo: Tec1613/06

arquitetura produzida na região a partir de vários enfoques diferentes, como por exemplo, este que discute os edifícios de uso comercial.

Vale ressaltar que este trabalho e consequentemente a pesquisa da qual teve origem, encontram-se ligados a uma rede de pesquisas ainda mais ampla organizada pelo Docomomo (*International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of Modern Movement*), que é uma organização internacional com intuito de difundir o conhecimento e a reflexão sobre o Movimento Moderno, incentivando a elaboração de informações sobre os edifícios modernos, e posteriormente, medidas de conservação e proteção dessa produção.

É importante ainda esclarecer que a pesquisa “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação” atualmente encontra-se em fase de desenvolvimento, apresentando trabalhos em diferentes níveis de conclusão em relação a cada cidade da região.

2. Metodologia do Projeto

Conforme estabelecido no plano de pesquisa aprovado pela FAPEMIG, a metodologia da pesquisa compreendeu duas etapas desenvolvidas simultaneamente, sendo uma o desenvolvimento da pesquisa teórica e a outra o trabalho de campo.

A pesquisa teórica teve por objetivo uma revisão bibliográfica do Movimento Moderno – internacional e nacional – e da inserção desse vocabulário arquitetônico no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Esta etapa foi desenvolvida por meio de leituras específicas e de discussão de textos em reuniões periódicas e seminários internos do grupo de pesquisa.

O trabalho de campo, por sua vez, compreendeu visitas às cidades da região. Devido à dimensão da área, foram formados cinco subgrupos de trabalho, distribuídos entre os membros da equipe, constituídos por um professor e seus orientandos. Cada subgrupo responsabilizou-se pela pesquisa de campo de um determinado conjunto de cidades, procedendo às visitas aos locais e a realização de um levantamento fotográfico de cada cidade. Estas informações, posteriormente, foram compartilhadas com todo o grupo em reuniões periódicas com intuito de identificar e selecionar os imóveis mais significativos para serem inventariados nas fichas elaboradas segundo o modelo proposto pelo DOCOMOMO.

Assim, nesta etapa, os edifícios que apresentavam elementos da Arquitetura Moderna puderam ser identificados por meio de fotografias, possibilitando a criação de um levantamento básico de toda a produção arquitetônica desse período nas regiões. Posteriormente, foram feitas visitas aos imóveis que apresentavam maior coerência com as

proposta do Movimento Moderno, promovendo um levantamento mais detalhado, que foram descritos em fichas individuais. Posteriormente, as fichas elaboradas serão disponibilizadas no *website*: www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno, construído para este fim e disponível para consulta pública.

Dentre os imóveis inventariados, foram selecionados para a análise deste trabalho específico, os edifícios com uso comercial, sejam exclusivos ou em combinação com outros usos, com intuito de desenvolver a análise tipológica dessa produção. Assim, a análise foi feita considerando diversos aspectos, tais como a data de construção e inauguração dos edifícios; as cidades em que se localizam; os profissionais envolvidos em sua construção; as funções neles desempenhadas; o número de pavimentos; a sua inserção no contexto urbano; os materiais e técnicas utilizadas em sua construção, entre outros.

3. Os Edifícios Comerciais Modernos

Considerando os edifícios inventariados até o momento, foi possível identificar vinte e seis imóveis⁴ de uso comercial construídos de acordo com os valores da Arquitetura Moderna em oito⁵ das vinte e uma cidades analisadas. Nas demais cidades não houve a identificação de nenhum imóvel construído com este uso.

A partir da análise desses exemplares é possível apontar que o primeiro edifício construído para uso comercial com vocabulário moderno foi a Casa São Jorge, em Araxá, com projeto de autoria do arquiteto Ítalo Pezzutti, datado de 1954. O edifício e Galeria Central, em Uberlândia, foi o último construído dos edifícios inventariados, já na década de 1980. No entanto, observa-se que a maioria dos edifícios analisados datam da década de 1960.

⁴ Edifício Araguari, Casa São Jorge, Cine Capitólio, Edifício Jockey Clube, Edifício Alvorada, Galeria São Geraldo, Mercado Municipal de Patos de Minas, Patos Social Clube, Edifício Modelo de Patos de Minas, Centro Comercial da Vila Operadora de Jaguará, Conjunto Comercial de Uberaba, Edifício Chapadão, Edifício Everest, Edifício Geraldino Rodrigues da Cunha, Edifício Leopoldino de Oliveira, Edifício Pedro Salomão, Edifício Rio Branco, Edifício Rio Grande, Edifício Rio Negro, Galeria Fausto Salomão, Edifício Galeria Central, Edifício Itaporã, Edifício Tubal Vilela, Shopping Center Norte, Shopping Center Sul e Edifício Uberlândia Clube.

⁵ Araguari, Araxá, Ituiutaba, Patos de Minas, Sacramento, Tupaciguara, Uberaba e Uberlândia.



Figura 01: Casa São Jorge, Araxá – MG, Arquiteto: Ítalo Pezzuti
Ano de inauguração: 1954
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 02: Edifício Galeria Central, Uberlândia – MG, Arquiteto: Paulo Cazé
Período de inauguração: out/1960
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Esses dados confirmam a hipótese levantada pela pesquisa de que a produção da Arquitetura Moderna nessas regiões ocorreu a partir da década de 1950. Esta observação nos permite afirmar também que o vocabulário arquitetônico foi introduzido tardiamente em comparação com os grandes pólos brasileiros, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, nos quais se verifica a presença da Arquitetura Moderna desde a década de 1930, em edifícios como o Palácio Gustavo Capanema e a casa da rua Santa Cruz, nesta e naquela cidade, respectivamente.

Além disso, essas informações confirmam ainda que a construção de Brasília, concluída em 1960, foi um importante fator de disseminação desse vocabulário na região, uma vez que a data da construção da nova capital federal coincide com o período de maior utilização desse vocabulário arquitetônico na região. Podemos induzir que essa situação se deu pelo fato da área da nova capital federal ser próxima do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e ainda pelo fato destas regiões terem sido rota de passagem de pessoas e dos materiais das regiões pólos brasileiras para o distrito federal, facilitando a consolidação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A partir dos imóveis analisados, percebemos que as cidades que apresentam maior número de edifícios modernos com uso comercial são Uberaba, com dez edifícios, e, em seguida Uberlândia, com seis. Entre as cidades analisadas, estas são as de maior porte, e apresentaram nesse período um forte crescimento econômico e populacional, com uma grande demanda pela construção de novos edifícios de vários usos, entre eles os comerciais. Vale destacar que a introdução da arquitetura e urbanismo modernos trouxeram transformações profundas nas áreas em que se inseriram devido a novas formas de inserção do edifício no lote, na relação entre o espaço público e o privado, e na utilização de novos materiais, gerando mudanças no modo de vida da população e se inserindo rapidamente no consciente da população como o símbolo da chegada do “tão esperado progresso”.

Os arquitetos identificados envolvidos na construção da Arquitetura Moderna nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba foram: Alcegan Monteiro, com atuação em Araguari; Ítalo Pezzuti, em Araxá; Germano Gultzgoff, Wagner Schröden e o escritório Pontual Arquitetos Associados com trabalhos em Uberaba; Paulo de Freitas, Paulo Cazé, Ulbiano Muniz, o engenheiro Almôr da Cunha e a CEGES – Companhia Empreiteira Gerais do Brasil em Uberlândia; e por fim a CEMIG a partir do seu Departamento de Engenharia Civil com o projeto dos edifícios da Vila Operadora de Jaguará, em Sacramento. Entre estes arquitetos, Ítalo Pezzuti, Wagner Schröden e Paulo de Freitas são profissionais com origem nas cidades onde desenvolveram seus trabalhos, mas que se graduaram nas capitais brasileiras, retornando posteriormente para suas cidades natais. Almôr da Cunha, o único engenheiro desse grupo, por sua vez, era natural de Uberlândia e se graduou no Rio de Janeiro, retornando posteriormente a sua cidade natal. Germano Gultzgoff por outro lado, originário de São Paulo, onde graduou-se pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; após desenvolver um trabalho em Uberaba, resolveu nela se estabelecer, criando o primeiro escritório de arquitetura da cidade. Wagner Schröden, natural de Uberaba, estudou em Belo Horizonte, onde montou um escritório e lecionou arquitetura e urbanismo, retornando posteriormente a sua cidade de

origem. Os demais arquitetos não possuíam vínculos com a região, sendo que sua formação havia se dado nos grandes centros urbanos brasileiros, onde também residiam, como por exemplo, Paulo Cazé; que vivia no Rio de Janeiro. Por fim, os demais edifícios foram desenvolvidos por profissionais de grandes escritórios, como o da CEMIG, a partir do seu Departamento de Engenharia Civil. Em suma, esses dados nos revelam que os edifícios modernos da região foram elaborados por profissionais que se graduaram nos grandes centros urbanos do país, retornando posteriormente para suas cidades de origem para exercerem sua profissão ou apenas desenvolvendo trabalhos nessas cidades sem maiores vínculos com elas.

A análise dos dados também aponta que quase todos os edifícios foram construídos nas áreas centrais das cidades. A exceção se dá apenas com os Shoppings Norte e Sul (figuras 03 e 04, respectivamente), construídos em Uberlândia, fora da região central da cidade. Essa informação reforça primeiramente a vocação que as áreas centrais das cidades possuíam em abrigar atividades comerciais e de recreação. Posteriormente, analisando as atividades e os usuários desses edifícios, percebemos que os imóveis se configuram em equipamentos importantes para toda a cidade, como por exemplo, o Uberlândia Clube (figura 05), que comporta o principal teatro uberlandense, o que revela a outra vocação que as áreas centrais das cidades nesse momento agregavam que era a de abrigar a maioria dos equipamentos de grande importância para toda a comunidade. Além disso, a construção desses edifícios mostra a demanda que existia pela construção de imóveis com esse caráter nessas regiões, principalmente pelo crescimento econômico e populacional mencionados anteriormente, que estas cidades vinham passando.



Figura 03: Shopping Center Norte, Uberlândia – MG, Projeto desenvolvido por arquitetos do CEGES – Companhia Empreiteira Gerais do Brasil
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 04: Shopping Center Sul, Uberlândia – MG, Projeto desenvolvido por arquitetos do CEGES – Companhia Empreiteira Gerais do Brasil
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 05: Edifício Uberlândia Clube, Uberlândia – MG, Engenheiro: Almôr da Cunha
Data de inauguração: 26/01/1957
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Os Shoppings Centers Norte e Sul de Uberlândia foram os únicos construídos fora da área central das cidade estudadas, configurando a única situação encontrada nas regiões de criação de subcentros comerciais naquele momento. Essa situação ocorreu devido ao acelerado crescimento demográfico e territorial que Uberlândia apresentava no período, propiciando o surgimento de novos centros comerciais fora da área central para atender a população que morava nessas regiões.

Em relação ao uso que esses edifícios apresentam, percebemos que há edifícios com uso exclusivamente comercial (envolvendo atividades comerciais e de serviços), como o Conjunto Comercial de Uberaba (figuras 06 e 07), prevalecendo edifícios de uso misto. Entre estes há os que apresentam atividades residenciais e comerciais, como por exemplo, o edifício Jockey Clube de Ituiutaba (figura 04), e ainda os que apresentam atividades recreativas e comerciais, como o Uberlândia Clube (figura 05), em Uberlândia.



Figura 06: Conjunto Comercial de Uberaba, Uberaba – MG, Arquiteto: Germano Gultzgoff
Fonte: Arquivo da Pesquisa

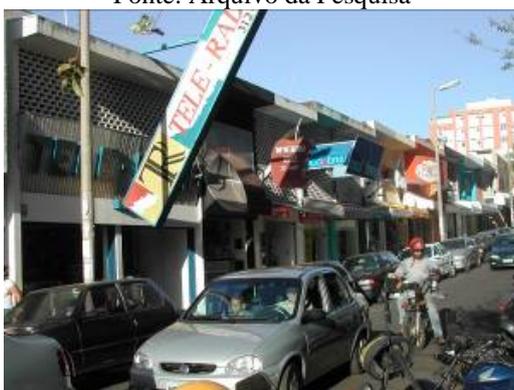


Figura 07: Conjunto Comercial de Uberaba, Uberaba – MG, Arquiteto: Germano Gultzgoff
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 08: Edifício Jockey Clube, Ituiutaba – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Vale destacar que os edifícios que mesclam atividades recreativas e comerciais são a minoria, apresentando atualmente apenas dois imóveis em toda a região, sendo um em Patos de Minas – Cine Capitólio (figura 09) – e o outro em Uberlândia – Uberlândia Clube (figura 05). Por outro lado, atualmente há um número igual de edifícios com uso misto (comercial e residencial) e de edifícios com uso comercial (comércio e serviços), com doze imóveis cada, distribuídos pelas cidades da região.

Há ainda alguns edifícios que foram construídos com a proposta de possuírem uso misto, mas que passaram posteriormente a abrigar uma única função, como, por exemplo, a Casa São Jorge de Araxá (figura 01), que foi projetada inicialmente para abrigar atividade comercial em seu pavimento térreo e residencial nos pavimentos superiores e o edifício Cine Capitólio, em Ituiutaba (figura 09), com cinema no térreo e lojas nos demais pavimentos; atualmente, cada um desses edifícios abriga uma única loja que ocupa todos os pavimentos do edifício.



Figura 09: Cine Capitólio, Ituiutaba – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Observa-se ainda que os edifícios analisados apresentam uma configuração básica, nas quais as atividades comerciais geralmente são desenvolvidas no pavimento térreo, enquanto os demais pavimentos são destinados a atividades recreativas ou residenciais. Dessa forma, essa setorização do edifício, com o comércio nos pavimentos térreos gera um conjunto de atividades que atendem a toda cidade, sem se restringir aos moradores do próprio edifício e sem ser desenvolvida necessariamente por eles, mostrando assim uma distinção entre os edifícios de uso misto da arquitetura tradicional, predominante na região até o início do século

XX, na qual o morador do imóvel geralmente era o mesmo responsável pelo desenvolvimento da atividade comercial nas proximidades de sua moradia.

Há uma grande variedade quanto ao número de pavimentos nos edifícios encontrados, que possuem entre um e dezenove pavimentos. Observamos quatorze edifícios com até seis pavimentos e treze com mais de seis pavimentos. Entre todos, o único com apenas um pavimento é o Centro Comercial de Jaguará (figuras 12 e 13), em Sacramento, que envolvia o supermercado e um conjunto de lojas da Vila Operadora da Hidrelétrica de Furnas.



Figura 10: Centro Comercial da Vila Operadora de Jaguará, Sacramento – MG, Projeto desenvolvido por arquitetos do Isvaú – Departamento de Engenharia Civil da Cemig
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 11: Vista Lateral do Centro Comercial da Vila Operadora de Jaguará, Sacramento – MG, Projeto desenvolvido por arquitetos do Isvaú – Departamento de Engenharia Civil da Cemig
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Observamos assim, que estes edifícios tiveram uma expressiva participação no processo de verticalização das cidades da região, principalmente nas áreas centrais, onde essa arquitetura se inseriu mais expressiva e quantitativamente. A partir disso verificamos que não por acaso, o processo de verticalização dessas cidades analisadas teve início na década de 1960. Como exemplo temos os edifícios Tubal Vilela em Uberlândia (figuras 12 e 13), o Edifício Pedro Salomão em Uberaba (figura 14) e o Edifício Alvorada em Patos de Minas (figura 15), todos pioneiros no novo modo de viver em habitações verticalizadas. A exceção se dá apenas com os Shoppings Centers Norte e Sul de Uberlândia (figuras 03 e 04) que se localizam fora dessa

região central, mas que da mesma forma contribuíram para a verticalização dos locais em que se inserem.



Figura 12: Edifício Tubal Vilela, Uberlândia – MG, Arquiteto: Ulbiano Muniz
Data de inauguração: out/1960
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 13: Detalhe do Pavimento Térreo (Comercial) do Edifício Tubal Vilela, Uberlândia – MG, Arquiteto:
Ulbiano Muniz
Data de inauguração: out/1960
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 14: Edifício Pedro Salomão, Uberaba – MG, Arquiteto: Germano Gultzgoff
Ano de inauguração: 1964
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 15: Edifício Alvorada, Patos de Minas – MG, Arquiteto não identificado
Período de construção: década de 1960
Fonte: Arquivo da Pesquisa

A partir dessas análises, podemos perceber que havia uma demanda por uma otimização do espaço no centro das cidades, principalmente daquelas que já revelavam uma expansão horizontal acelerada como Uberaba e Uberlândia, ao mesmo tempo em que se mostrava uma crescente disponibilidade tecnológica e de novos materiais que permitiam a construção com elevados gabaritos que começavam a chegar à região e que possibilitaram o processo de verticalização. Vale ressaltar que essa demanda se mostra principalmente pelo número de pavimentos dos edifícios construídos, mas também pela utilização em larga escala das sobrelojas ou mezaninos, encontrados em grande número dos imóveis.

É possível considerarmos ainda que essa intenção de verticalização se apresenta mesmo nos edifícios de poucos pavimentos, como os Shoppings Centers Norte e Sul de Uberlândia (figuras 03 e 04, respectivamente) que, apesar de possuírem somente dois pavimentos,

apresentam um elevado pé direito, com uma estrutura bem demarcada e grandes vãos que buscam realçar essa verticalidade.

Há imóveis como o Edifício Araguari (figura 16), nesta cidade da qual adotou o nome, que apresentam lojas em seu pavimento térreo com uma relação direta com a calçada e a via de trânsito à sua frente. Porém, há alguns edifícios como o Galeria Central (figura 26) e o Edifício Uberlândia Clube (figura 05), em Uberlândia, o Edifício Jockey Clube (figura 08) em Ituiutaba, o Edifício Rio Negro (figura 18), em Uberaba e a Galeria São Geraldo (figuras 19 e 20) em Patos de Minas, que além dessa relação das lojas voltadas diretamente para a via pública, apresentam também uma galeria interna; chegando às vezes a apresentarem mais de um pavimento destinado a estas atividades.



Figura 16: Edifício Araguari, Araguari – MG, Arquiteto: Alcegan Monteiro
Data inauguração: 18/10/1969
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Assim, podemos considerar que há mais de uma maneira nas relações que esses edifícios desenvolvem com o espaço público gerada a partir dos seus elementos arquitetônicos, uma vez que todos os imóveis apresentam uma relação direta entre o interior do prédio e o espaço público em seu entorno por meio de suas lojas. Mas, além disso, há ainda edifícios que apresentam também galerias de circulação interna com uma diversidade de percursos em seu interior, criando espaços semi-públicos que enriquecem a diversidade dos espaços e das relações desenvolvidas nas áreas urbanas em que se inserem.

Geralmente essa galeria interna é coberta, como por exemplo, no Uberlândia Clube (figura 05), que apresenta duas galerias que penetram perpendicularmente no interior do edifício levando às lojas e ao teatro, e ainda um grande recuo na sua fachada frontal no pavimento

térreo, criando uma contínua faixa de circulação coberta pela projeção do pavimento superior, alargando assim o espaço público da calçada. Já a galeria do Mercado de Patos de Minas (figura 17) por sua vez, apresenta um formato diferenciado uma vez que suas extremidades são ovais, facilitando a circulação em seu interior, apresentando ainda pé direito mais elevado que o das lojas em suas laterais, recebendo iluminação e ventilação naturais por meio de aberturas laterais zenitais. A galeria do Edifício Rio Negro (figura 18), em Uberaba por outro lado, constitui um percurso retilíneo que atravessa o edifício ligando as duas vias que o margeiam. Por fim, a Galeria São Geraldo em Patos de Minas (figuras 19 e 20) é a única que apresenta parte de sua galeria descoberta, uma vez que apenas a parte inicial e mais antiga do edifício apresenta cobertura.



Figura 17: Mercado Municipal, Patos de Minas – MG, Arquiteto não identificado
Ano de inauguração: 1958
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 18: Edifício Rio Negro, Uberaba – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 19: Galeria São Geraldo, Patos de Minas – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 20: Interior da Galeria São Geraldo, Patos de Minas – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Com respeito aos materiais construtivos e de revestimentos empregados observamos que há uma variedade entre os edifícios estudados. Primeiramente observa-se que a estrutura em concreto armado e as aberturas em caixilharia metálica com vidros são empregadas em todos os imóveis analisados. Além disso, é comum encontrarmos o concreto armado utilizado também em brises que geralmente seguem um formato retilíneo nas fachadas dos edifícios, como no Edifício Rio Negro em Uberaba (figura 18). Percebe-se ainda, que quando há a utilização de lajes impermeabilizadas, elas apresentam diversos formatos, como nos mostra o Centro Comercial de Jaguará (figuras 10 e 11) e o Edifício Everest (figura 21) em Uberaba.



Figura 21: Edifício Everest, Uberaba – MG, Arquiteto não identificado
 Fonte: Arquivo da Pesquisa

Também apontamos a utilização de elementos de sombreamento que atuam ao mesmo tempo como elementos de valorização plástica, como o cobogó utilizado no Conjunto Comercial de Uberaba (figuras 06 e 07), as marquises do Centro Comercial de Jaguará (figuras 10 e 11) e do Edifício Everest em Uberaba (figura 21), sendo que este recurso, como sabemos, foi bastante utilizado na Arquitetura Moderna brasileira.

Além disso, sabemos também que o Movimento Moderno buscava uma integração das artes, com pinturas e esculturas trabalhadas em composição ao edifício. No Uberlândia Clube (figura 05), por exemplo, percebemos um grande vitraux da fachada frontal do edifício com imagens de outros imóveis da cidade e também um painel em mosaico localizado no hall de entrada do edifício desenvolvido pelo artista plástico José Machado de Moraes (figura 22), ambos atendendo justamente à esta intenção.

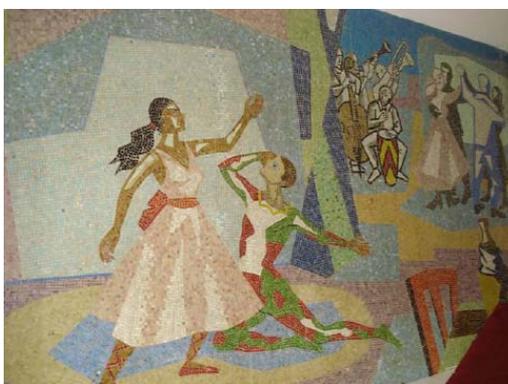


Figura 22: Painel de pastilha no hall de entrada do Edifício Uberlândia Clube, Uberlândia
 Artista Plástico José Machado de Moraes
 Data de inauguração: 26/01/1957
 Fonte: Arquivo da Pesquisa

Além disso, devemos também nos atentar à mudança dos materiais empregados e conseqüentemente de composição que esses edifícios apresentam de acordo com o período em que foram construídos. Os edifícios pioneiros, construídos na década de 1950, como a Casa São Jorge em Araxá (1954 – figura 01), o Uberlândia Clube (1957 – figura 05), e o Mercado Municipal de Patos de Minas (1958 – figura 17), por exemplo, mostram uma grande diversidade de materiais empregados nos sistemas construtivos e nos materiais de revestimento, apresentando uma grande riqueza de composição, a partir da utilização de concreto, tijolos cerâmicos, brises, pastilhas cerâmicas de várias cores e texturas, elementos cerâmicos vazados, pedras e vidros.

Todavia, nos edifícios mais tardios, geralmente da década de 1970, vemos uma maior uniformidade dos materiais utilizados e, conseqüentemente uma menor riqueza de composição de materiais, com maior utilização do concreto e do vidro, apresentando ainda a introdução de novos materiais, como o alumínio. Como exemplo, temos os Edifícios Chapadão (1975 – figura 23), Everest (1970 – figura 21), Geraldino Rodrigues da Cunha (1974 – figura 24) e Leopoldino de Oliveira (1973 – figura 25) todos em Uberaba.



Figura 23: Edifício Chapadão, Uberaba – MG, Arquiteto: Germano Gultzgoff
Ano de inauguração: 1975
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 24: Edifício Geraldino Rodrigues da Cunha, Uberaba – MG, Arquiteto: Wagner Schröden
Ano de inauguração: 1974
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 25: Edifício Leopoldino de Oliveira, Uberaba – MG, Arquiteto: Pontual Arquitetos Associados
Ano de inauguração: 1973
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Assim, podemos observar que inicialmente havia o emprego de elementos com um apelo visual maior (como por exemplo, o cobogó) com uma maior riqueza de composição de materiais, enquanto que com o tempo, percebemos uma maior uniformização dos materiais

empregados, que passam a ser utilizados em maior escala diminuindo assim, a diversidade da composição dos materiais.

Outra característica importante a ser citada diz respeito à inserção da garagem nos edifícios. Entre os edifícios analisados, os que foram construídos antes da década de 1970 não apresentam garagens ou áreas para vagas de estacionamentos. Todavia, a partir desta data, eles passam a incluir esse espaço, como nos mostra o Edifício Chapadão de 1975 em Uberaba (figura 23) que apresenta quatro pavimentos destinados somente à garagem. Essa situação revela a demanda iniciada a partir deste período, devido à popularização que o automóvel adquiria devido, entre outros fatores, às políticas desenvolvimentistas do governo brasileiro, principalmente durante a administração do Presidente Juscelino Kubitschek⁶, trazendo grandes alterações no planejamento dos espaços urbanos e arquitetônicos, como por exemplo, a incorporação desse novo ambiente.

Sobre a inserção desses imóveis nos lotes podemos notar que há tanto edifícios situados em lotes de esquinas como o Conjunto Comercial de Uberaba (figuras 06 e 07) e também outros no meio dos quarteirões como a Galeria São Geraldo em Patos de Minas (figura 19). Geralmente eles seguem o alinhamento da calçada, não apresentando recuos frontais ou laterais no pavimento térreo, onde se concentram as atividades comerciais como nos mostra o edifício Itaporã em Uberlândia (figuras 26 e 27). A exceção se dá com o Uberlândia Clube (figura 05) que, como já mencionado anteriormente, apresenta recuo frontal com proteção do pavimento superior.

⁶ Gestão entre os anos de 1955 e 1960, caracterizada pela consolidação a indústria automobilística no país, podendo-se apontar como uma das marcas da década de 1970 a ampliação da aquisição do automóvel pela classe média brasileira.



Figura 26: Edifício Itaporã, Uberlândia – MG, Arquiteto: Paulo de Freitas
Fonte: Arquivo da Pesquisa



Figura 27: Detalhe do Pavimento Térreo (comercial) do Edifício Itaporã, Uberlândia – MG, Arquiteto: Paulo de Freitas
Fonte: Arquivo da Pesquisa

É freqüente ainda o edifício tirar partido da inclinação do terreno criando níveis, como se observa no Conjunto Comercial de Uberaba (figuras 06 e 07). Essa situação é típica de edifícios comerciais, uma vez que normalmente se busca aproveitar ao máximo o terreno existente e facilitar o acesso da população que se desloca pelo espaço público ao interior do imóvel. Por sua vez, a Galeria Fausto Salomão (figura 28) de Uberaba, tirou partido da inclinação do terreno criando um nível sub-solo, de forma a receber acesso pelas duas ruas que o margeam.



Figura 28: Galeria Fausto Salomão, Uberaba – MG, Arquiteto: Germano Gultzgoff
Ano de inauguração: 1972
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Os edifícios que apresentam suas lojas voltadas diretamente para o espaço público, geralmente apresentam vários acessos independentes a cada uma de suas lojas como no Conjunto Comercial de Uberaba (figuras 06 e 07), enquanto que aqueles que possuem galerias internas possuem dois ou mais acessos a essas lojas voltadas para a galeria, como por exemplo, o Edifício Galeria Central (figura 02), em Uberlândia. Além disso, em geral eles apresentam um único acesso aos pavimentos superiores, que pode ser isolado e restrito aos moradores em relação aos usuários das atividades comerciais como no Edifício Pedro Salomão de Uberaba (figura 14).

Geralmente eles não apresentam aberturas ou lojas voltadas para as laterais uma vez que se encontram quase sempre alinhados em suas laterais as edificações vizinhas, como por exemplo o Edifício Rio Grande em Uberaba (figura 29).



Figura 29: Edifício Rio Grande, Uberaba – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa

No entanto, nas elevações frontais, o uso de aberturas com panos de vidros e janelas corridas são freqüentes, uma vez que a adoção da estrutura autônoma de concreto armado – um dos elementos do vocabulário moderno – possibilita a adoção de plantas livres com aberturas, promovendo grande relação com o espaço público. Além disso, é comum ainda a utilização de elementos de sombreamento sobre a calçada gerados pela presença de marquises, como nos mostra a Casa São Jorge em Araxá (figura 01); ou pela própria projeção do pavimento superior sobre o recuo do inferior, como no Edifício Uberlândia Clube (figura 05).

Esses edifícios ainda apresentam elementos introduzidos pela Arquitetura Moderna, como os pilotis presentes no Cine Capitólio (figura 09), de Ituiutaba, que geralmente demarcavam o ritmo dos edifícios.

Com respeito às volumetrias, observamos que em geral são bem definidas em prismas compactos, apresentando normalmente diferentes volumetrias entre as suas funções numa composição harmoniosa, que deixa à mostra as divisões de uso do edifício. Percebe-se ainda que geralmente as áreas comerciais do edifício seguem o alinhamento das construções vizinhas, revelam grandes aberturas e pés-direitos com uso intenso do concreto aparente, como nos mostra o Jockey Clube em Ituiutaba (figura 08), sendo que são estas áreas comerciais dos edifícios os locais que mais sofrem atualmente descaracterizações e poluição visual. Já as áreas residenciais, por sua vez, normalmente recebem um maior grau de privacidade, ou por não se localizarem nos pavimentos térreos – nos edifícios de uso comercial e residencial – ou por se encontrarem recuadas em relação ao alinhamento da

calçada, como por exemplo, no Edifício Galeria Central de Uberlândia (figura 02). As áreas dos edifícios destinadas a atividades de lazer, como cinemas, teatros, etc., por outro lado, apresentam relação mais direta com o espaço público (assim como o comércio), que as residenciais. No Edifício Cine Capitólio, em Ituiutaba (figura 09), por exemplo, percebemos um alinhamento à calçada dos pavimentos com usos recreativos, apresentando ainda grandes panos de vidros que estabelecem uma forte relação visual com o entorno em que se inserem. Neste edifício ainda, percebe-se um efeito de horizontalidade em contraponto à verticalidade. Esse efeito é gerado em alguns casos por frisos em concreto, brises horizontais e janelas corridas, como nos Edifícios Rio Branco (figura 30), Rio Grande (figura 29) e Rio Negro (figura 18), todos em Uberaba. Em outros casos, como nos Shoppings Centers Norte e Sul de Uberlândia (figuras 03 e 04), o efeito de horizontalidade é gerado pelo emprego de grandes platibandas contínuas, que se contrapõem aos elevados pés direitos que eles apresentam; ou ainda por meio de sacadas de circulação contínuas e externas como nos edifícios Tubal Vilela (figuras 12 e 13) e Galeria Central (figura 02), em Uberlândia.



Figura 30: Edifício Rio Branco, Uberaba – MG, Arquiteto não identificado
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Outra mudança significativa que percebemos nos edifícios ao longo do tempo diz respeito à ocupação dos espaços nesses imóveis. A Casa São Jorge, de Araxá (figura 01), por exemplo, foi construída com a proposta de funcionar como loja e residência e no entanto, atualmente se encontra ocupada por uma única loja do tipo magazine. O Cine Capitólio, de Ituiutaba (figura 09), por sua vez, não apresenta mais o cinema proposto originalmente, e também hoje é

ocupado por uma única loja. O Edifício Modelo de Patos de Minas (figura 31), proposto para uso residencial hoje apresenta uso comercial; e por fim o Centro Comercial de Jaguara (figuras 10 e 11), importante edifício durante o pleno funcionamento desta vila, hoje se mostra desocupado e abandonado, assim como o restante da vila.



Figura 31: Edifício Modelo, Patos de Minas – MG, Arquiteto não identificado
Ano de conclusão do projeto: 1960
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Vale ressaltar, que a utilização de materiais novos para a época, assim como o emprego de novos elementos arquitetônicos e uma nova proposta de viver e se relacionar com o espaço urbano proposto pelo Movimento Moderno, levando em consideração o desenvolvimento tecnológico do período, foram rapidamente tomados como símbolo do progresso e do desenvolvimento econômico, social e estético das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

4. Conclusão

A análise realizada sobre as obras modernas de uso comercial do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba aponta que são raros os edifícios construídos exclusivamente para esse fim em relação ao conjunto de obras já inventariados, prevalecendo aqueles de uso misto. Os edifícios com uso exclusivo para comércio tornam-se mais numerosos a partir da década de 1970 - principalmente nas cidades de Uberaba e Uberlândia que apresentavam maior desenvolvimento desse setor da economia.

No entanto, a constatação de que essa produção tem sofrido constantes alterações ao longo dos anos e que sua adaptação a novas necessidades e usos nem sempre tem sido feita de modo adequado ou criterioso – muitos se encontram descaracterizados, em más condições de conservação, outros sofrem com a poluição visual ou mesmo abandono – nos alertam para a necessidade de sua melhor documentação e conhecimento.

Essas questões nos alertam para a necessidade de ações efetivas voltadas para a preservação desses edifícios, uma vez que essa produção da Arquitetura Moderna possui apenas alguns poucos exemplares bem conservados. Caso contrário, facilmente estes imóveis poderão deixar de fazer parte da paisagem urbana das cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, suprimindo uma produção importante e significativa para a região, que testemunha a introdução dos ideais de modernidade e progresso, fundamentais na configuração de sua paisagem cultural e do imaginário social e simbólico marcaram suas trajetórias a partir de meados do século XX.

5. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, P., GUERRA, M. E. **João Jorge Coury, Um Moderno no Triângulo**. In: Projeto n.º 163, pp. 78-79, 1993.

AZEVEDO, P. **A Difusão da Arquitetura Moderna em Minas: O Arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia**. São Carlos. Dissertação (Mestrado) – EESC – USP, 1998.

BARDI, L. B.; ALMEIDA, E.; FERRAZ, M. C. [org.]. **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. Portugal: Editorial Blau, 1999.

BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 1981.

CAMISASSA, M. M. S. **A Preservação do Moderno e a Formação dos Futuros Profissionais da Arquitetura e do Urbanismo**. In: PESSÔA, J.; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M. (org.). 6º Seminário Nacional DOCOMOMO Brasil, Niterói, novembro 2005. Organizado por José Pessoa, Eduardo Vasconcellos, Elisabete Reis e Maria Lobo, Niterói, EdUFF, 2006. pp. 169 – 182

CAPPELLO, M. B. C. **Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)**. São Paulo. Tese (Doutorado) – FAU – USP, 2005.

FRAMPTON, K. **História Crítica da Architectura Moderna**. Barcelona, Gustavo Gili, 1987.

GOODWIN, P. L. **Brazil Builds - Architecture New and Old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

GUERRA, M. E. **As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro**. São Carlos. Dissertação (Mestrado) – EESC – USP, 1998.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

LAURENTIZ, L. **Olhando as arquiteturas do cerrado**. Projeto, São Paulo, n.º 163, p. 75-91, maio, 1993.

LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos e Edusp, 1979.

MARTINS, C. A. F. **Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma Investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a Obra de Lúcio Costa**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – FFLCH – USP (1º. Capítulo), 1988.

MINDLIN, H. **Arquitetura moderna no Brasil**. Organizador da edição brasileira Lauro Cavalcanti. Tradução de Paulo Pedreira. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/IPHAN. 2000. Tradução de: Modern architecture in Brazil.

PESSÔA, J. L. C. **Cedo ou tarde serão consideradas obras de arte**. In: PESSÔA, J.; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M. (org.). 6º Seminário Nacional DOCOMOMO Brasil, Niterói, novembro 2005. Organizado por José Pessoa, Eduardo Vasconcellos, Elisabete Reis e Maria Lobo, Niterói, EdUFF, 2006. pp. 157 – 182.

SEGAWA, H. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

TEIXEIRA VALE, M. M. B. **“Arquitetura Religiosa do Século XIX no antigo Sertão da Farinha Podre”**, 1988. Tese de Doutorado apresentada à USP – São Paulo.